

CIRCULAÇÃO E CRÍTICA NO DEBATE SOBRE O DE DIREITA ¹

CIRCULATION AND CRITIQUE IN THE DEBATE ON THE RIGHT-WING POOR

Ercio do Carmo Sena Cardoso ²

RESUMO E ABSTRACT

Resumo: *O texto analisa a circulação e a crítica do livro O Pobre de Direita: A Vingança dos Bastardos, importante e recente fenômeno no mercado editorial brasileiro. A obra investiga as razões que levam as classes populares a apoiarem a extrema-direita. Este artigo explora a reverberação do livro na mídia e no campo político, mapeando discursos da grande imprensa brasileira, a partir de menções e reportagens em jornais como a Folha de S. Paulo, O Globo e Estadão. O estudo investigou, ainda, o debate crítico em veículos independentes. Identificamos, neste mapeamento, três movimentos: acolhimento das teses, desqualificação por setores da direita e críticas à esquerda. Neste último eixo, observamos a moralização do debate, a desresponsabilização da esquerda institucional, a idealização da social-democracia alemã e a ausência de uma análise robusta sobre questões econômicas e históricas.*

Palavra-Chave: 1. Comunicação política 2. Desigualdade 3. Escolha política 4. Identidade política

Abstract: *This text analyzes the critic circulation of the book The Poor Right-Winger: The Revenge of the Bastards, an important and recent phenomenon in the Brazilian publishing market. The book investigates the reasons that lead the popular classes to support the far-right wing. This article explores its reverberation in the media and in the political field, mapping discourses in the mainstream Brazilian press, based on mentions and reports in newspapers such as Folha de S. Paulo, O Globo, and Estadão. The study also investigated the critical debate in independent media outlets. In this mapping, we identified three movements: acceptance of the book's theses, disqualification by sectors of the right, and criticism from the left. In this last axis, we observed the moralization of the debate, the abdication of responsibility by the institutional left, the idealization of German social democracy, and the absence of a robust analysis of economic and historical issues.*

Keywords: 1. Political communication; 2. Inequality; 3. Political choice; 4. Political identity.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura das Mídias, 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Ercio Sena é Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas, Doutor em Letras e Educação com Pós-Doutorado em Comunicação Social. E-mail: erciosena@gmail.com.

1. Introdução

No final de 2024, o livro *O pobre de direita: a vingança dos bastardos*, de Jessé Souza (2024), foi lançado pela editora Civilização Brasileira. A pretensão do autor era sustentar, teórica e academicamente, um debate político que estava presente em diferentes lugares da sociedade brasileira, com destacada circulação em plataformas digitais. Autor de outros trabalhos com grande repercussão, Jessé Souza já possui um histórico de êxitos editoriais como *A Elite do Atraso* (2017) e *A Ralé Brasileira* (2018). Seu público fiel certamente contribuiu para a arrancada inicial das vendas de *O Pobre de direita*. O livro rapidamente alcançou o topo das listas de mais vendidos, consolidando-se como uma das obras mais discutidas nesse período.

Fenômeno de venda³ no mercado editorial brasileiro, especialmente dentro do gênero de não-ficção e ciências sociais, o trabalho chamou a atenção inclusive dos grandes jornais brasileiros, raramente atentos para esse tipo de cobertura. O lançamento foi acompanhado por uma extensa agenda de entrevistas em grandes veículos (como *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e diversos *podcasts* de grande audiência), o que também impulsionou a procura nas livrarias. Entre outros aspectos analisados, o livro argumenta que o apoio das classes populares à extrema direita não é resultado apenas de fatores econômicos ou religiosos, mas fruto de um racismo estrutural e de um sentimento de humilhação social, o que geraria um desprezo sem reconhecimento dessa parcela da população que a direita soube canalizar.

Neste artigo, vamos discutir a abordagem proposta pelo autor e a crítica elaborada a ela na circulação desse debate, destacando que o livro, não obstante seu sucesso mercadológico e significativa visibilidade, foi também objeto de tensionamentos, principalmente entre parte do campo da esquerda, onde as teses defendidas por Souza foram questionadas.

2. Jessé Souza e a tese para o debate

Diferentemente do que o título da obra possa sugerir em uma rápida apreciação, o livro não faz um julgamento das pessoas pobres que votam na direita. A discussão que Souza propõe é de um trabalho compreensivo sobre as razões que levam as pessoas empobrecidas a se identificarem com a extrema-direita da política brasileira. Esse fenômeno, entretanto, não se

³ O portal *PublishNews*, que monitora as vendas nas principais livrarias do país, registrou o livro entre os mais comercializados logo nas semanas de lançamento, mantendo-se estável no *ranking* de não-ficção. Em novembro de 2024, ele esteve entre os quatro livros de não ficção mais vendido no Brasil (A lista, 2025).

restringe ao Brasil, estando presente em várias partes do mundo. Uma parcela significativa de adeptos da extrema direita está entre as classes menos favorecidas, e isso tem a ver também com o declínio do socialismo que abriu caminho para um capitalismo sem freios e amarras, gerando um novo tipo de exploração e racionalidade neoliberal que impera nas relações sociais (Dardot; Laval, 2016). Observa-se aí a força do campo ideológico para isolar e enfraquecer os sistemas de proteção social e a representação dos trabalhadores. É nos anos de 1990 que esses pródigos esforços se lançam para derrotar de vez o movimento sindical e suas associações representativas, conforme Souza analisa em seu trabalho. No neoliberalismo, as razões da humilhação que as pessoas sofrem e a situação de pobreza que experimentam são vistas como produto da própria ação delas no mundo, e não de um sistema que as coloca nesse lugar.

Diante disso, a direita vai encontrar terreno fértil entre a população empobrecida para responsabilizá-la por sua condição. O inquietante paradoxo do qual parte a análise do autor diz respeito à constatação de que as vítimas da pobreza é que apoiarão a realização de um projeto que contraria seus próprios interesses. Entretanto, Souza é crítico de uma perspectiva marxista para pensar o fenômeno que ele analisa. Contesta o que ele denomina de racionalidade economicista para afirmar que o que move as pessoas não seria a desigualdade econômica, mas sim, a questão do *reconhecimento*.

No livro, entre os autores nos quais Souza fundamenta esse debate, destaca-se a contribuição de Axel Honneth, cuja obra é acionada pelo pesquisador brasileiro para discutir a importância do reconhecimento social para a autoestima e a autoconfiança dos indivíduos. Honneth (2003) argumenta que o reconhecimento é uma necessidade humana vital e que sua ausência, ou o falso reconhecimento, pode causar danos graves, como uma autoimagem depreciativa. Souza também inclui nessa discussão a concepção de Charles Taylor para reforçar a ideia de que o reconhecimento social é uma necessidade humana fundamental. Segundo o autor canadense, o não reconhecimento ou o falso reconhecimento pode aprisionar indivíduos em formas de vida distorcidas e opressivas, prejudicando sua autoconfiança na relação com outros. Ao mesmo tempo, Souza recorre, ainda, às análises de Weber sobre religiosidade e classe social, destacando que a busca por sentido e reconhecimento seria uma característica essencial da vida humana.

Esses autores são articulados por Souza para construir sua tese sobre o comportamento social dos pobres, incluindo o apoio deles a líderes e ideologias que os prejudicam. No seu entendimento, o apoio à direita pode ser explicado pela busca por reconhecimento e autoestima

em uma sociedade que os desvaloriza e os humilha sistematicamente. O reconhecimento social serve para diferenciar a população empobrecida e trabalhadora daquela que é vista com o estigma da criminalidade. Se o indivíduo pobre é decente e honesto, ele terá um reconhecimento maior do que os que são moralmente piores do que ele na sociedade.

No debate sobre a questão racial, Souza atribui a forma de ocupação do território como explicação de um racismo regional, na medida em que a população nordestina é predominantemente negra ou parda. Segundo ele, isso facilita a visão dominante que localiza no Nordeste uma parcela inferior da sociedade brasileira. O autor destaca que o Brasil é dividido entre uma população majoritariamente branca, sendo que 72% dela está no Sul, incluindo aí o estado de São Paulo com 58%. Paralelamente a isso, 75% da população negra e mestiça do Brasil está acima de São Paulo, incluindo Minas Gerais. Diante dessa configuração, aponta-se um quadro que facilita o entendimento preconceituoso de que no Nordeste viveria uma população menos apta ao trabalho, disposta a votar em políticos corruptos. Ao contrário disso, o Sul é visto como lugar virtuoso, onde estão os pobres dignos. Por fim, Souza reafirma sua tese de que o grande problema do Brasil não foi a colonização portuguesa, mas a escravidão que marcou 350 anos de história.

Assim, o racismo estaria profundamente enraizado nas estruturas sociais e econômicas, perpetuando a exclusão dos negros e mestiços de oportunidades educacionais, econômicas e políticas. A elite e a classe média branca monopolizam o capital cultural e econômico, enquanto os negros e mestiços são relegados a trabalhos desqualificados e mal remunerados. Como decorrência dessas práticas, o preconceito contra nordestinos, por exemplo, constitui uma forma de racismo disfarçado, já que a maioria da população nordestina é composta por negros e mestiços.

3. As reverberações na circulação do debate

Para a análise sobre a circulação dessa discussão na imprensa brasileira, uma busca inicial foi feita por meio da ferramenta *Google Notícias* sobre as menções de grandes jornais brasileiros ao livro *O pobre de direita*. Em um primeiro momento, encontramos uma reportagem da revista *Carta Capital*, duas reportagens e uma menção ao livro no jornal *Folha de S. Paulo* e duas reportagens no jornal *O Globo*. Para ter um panorama mais abrangente da grande imprensa, incluímos uma busca específica sobre a cobertura do livro no jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual encontramos duas menções também agrupadas na análise sobre a

circulação do debate. Como ainda tínhamos interesse no debate crítico, aprofundamos a busca pelas objeções ao livro e encontramos três trabalhos com repercussão considerável: uma crítica publicada originalmente no portal *A Terra é Redonda* e posteriormente repercutida no *Jornal GGN*, um texto do militante e ativista cultural Hertz Dias no jornal *Opinião Socialista*, um vídeo com grande número de visualizações sobre o livro no canal do ativista político Jones Manoel no YouTube, e um vídeo de entrevista no portal *Uol* com o militante Paulo Galo, também com expressivo número de acessos.

A nomeação do eleitor de direita como “gado”, “imbecil”, “bolsominion”⁴, entre outros atributos que o desqualificam como pessoas pouco inteligentes, incapazes de perceber as contradições sobre um voto na extrema direita, é a principal objeção que Souza faz em sua entrevista à revista *Carta Capital* (Barrocal, 2024). O autor contesta também a explicação predominante no campo acadêmico que atribui a formação do pobre de direita ao conservadorismo e a escolhas religiosas, como se a pessoa tivesse nascido com a perspectiva conservadora. Souza sugere que, em lugar de indagar o que a religião faz com as pessoas, é necessário pensar o porquê de uma determinada escolha religiosa, entre outras possíveis. Com isso, reafirma a dimensão moral como fator decisivo para justificar o fenômeno de uma pessoa pobre votar na direita. Identificar-se com a direita seria, portanto, uma resposta à humilhação que ele sofre.

A partir da aceitação do diagnóstico proposto pelo autor, a revista indaga sobre soluções capazes de enfrentar e reverter o crescimento desse fenômeno. Nesse diálogo, Souza aponta a relação dos meios de comunicação com o fascismo, uma vez que os “[...] jornalões são propriedade de bancos e também o papel da Rede Globo no mascaramento dessa realidade, sem alternativas a esses discursos” (Barrocal, 2024). É preciso explicitar os problemas reais do Brasil sem deixar que prevaleça uma indigência absoluta nesse sentido. É imprescindível que as pessoas tenham acesso a outra visão política para que possam participar desse debate. Cobra uma responsabilidade educativa dos meios de comunicação junto a população.

⁴ O termo “bolsominion” é um neologismo e uma gíria política brasileira utilizada, geralmente de forma pejorativa, para descrever os apoiadores acrílicos, atuantes e mais leais em relação ao ex-presidente Jair Bolsonaro. A palavra é uma fusão de dois termos: “bolso”, que faz referência ao sobrenome de Jair Bolsonaro; e “minion”, alusão aos personagens amarelos da franquia de filmes *Meu Malvado Favorito*.

No entendimento de Souza, o PT (Partido dos Trabalhadores) se ilude quando aposta que apenas com as políticas sociais do governo as pessoas irão compreender a diferença entre um campo e outro. Souza desconsidera que esta escolha política, com limites de transformação social, faz parte do lulismo: uma proposta tímida de mudança social sem confronto com as elites. (Singer, 2012). No lulismo, essa política é um pacto de conciliação, uma opção que permite governar para reduzir a pobreza e a desigualdade sem que haja rupturas com a ordem capitalista e o sistema financeiro. Na recusa de uma mobilização popular direta, capaz de desaguar em soluções radicais, opta-se por reformas graduais no interior das instituições do Estado, mantendo-se o pacto conservador. Ainda assim, Singer entende que o lulismo atua como uma alternativa ao modelo neoliberal dos anos 1990, recolocando o Estado como indutor do crescimento e da distribuição de renda, mas fazendo-o de uma forma que não assuste o mercado.

A questão da religião também é objeto do diálogo de Jessé Souza com a revista *Carta Capital*. Para Souza, as igrejas neopentecostais representam a antirraça e o antipetismo. Destaca que, entre os católicos, o presidente Lula tem mais apoio. No Nordeste – onde, segundo ele, haveria menor presença de denominações evangélicas –, observa-se o mesmo fenômeno de alta popularidade do presidente.

As igrejas evangélicas são feitas para se aproveitar das vulnerabilidades e carências das pessoas para dominar a vida econômica e social por inteiro. É uma escravidão e reduz essas pessoas ao invés de libertá-las. E tudo isso é feito por meio da moralidade. Se você não tem nada ou se não tem muita coisa, a moralidade é tudo. A igreja neopentecostal é uma religião feita com precisão de alfaiate para dominar os humilhados, conclui Souza (Barrocal, 2024, *online*).

Avançando no exame do *corpus*, o presidente Lula é apontado como “inimigo da classe média” no editorial do *Estadão*. No título, afirma-se que o presidente “Lula ignora a classe média” (Opinião, 2024, *online*). Ao afirmar a indesejada polarização do debate, o presidente Lula e seu partido são criticados por ver a política e a sociedade divididas em dois polos opostos: de um lado, o povo; de outro, a elite e, em torno dessa visão binária, não haveria espaço para nuances ou grupos que não se encaixem perfeitamente nessas posições. A classe média é vista com um desdém ideológico, como se seus valores (estabilidade, mérito, consumo) fossem superficiais ou egoístas, ao contrário do Estado, focado no bem-estar social. Para se comprovar o argumento do editorial, a fala de uma intelectual identificada com o PT é retomada:

Recorde-se a célebre aula da filósofa Marilena Chauí, que num debate sobre os dez anos de governo lulopetista admitiu, com desabrida sinceridade: “Eu odeio a classe média. (...) A classe média é o atraso de vida. (...) É uma abominação política, porque é fascista, uma abominação ética, porque é violenta, e ela é uma abominação cognitiva, porque é ignorante” (Opinião, 2024, *online*).

Em uma apreciação negativa sobre a relação do presidente e seu partido com essa parcela da população, o trabalho do sociólogo Jessé Souza é arrolado como parte do desprezo da esquerda pela classe média. Nessa lógica, o livro *O Pobre de Direita* é apontado apenas como uma ferramenta que sintetiza o pensamento intelectual da esquerda, tratado como esnobe e arrogante.

O complexo de superioridade ainda prevalece ao olhar para uma classe média que deseja virar “burguesia”, para um segmento evangélico com desejo de prosperidade e mesmo para os mais pobres que passaram a votar na direita – aqueles que o sociólogo Jessé Souza, outro porta-voz da esquerda, chama esnobemente de “idiotas” e “imbecis”. E assim, sem entender o mundo ao redor e restringindo-se ao universo paralelo dos preconceitos e estereótipos, Lula e o PT ignoram uma parcela significativa do Brasil que não tem “consciência de classe” nem quer ter. (Opinião, 2024, *online*).

Embora a afirmação atribuída a Souza não esteja presente em seu livro, o jornal utiliza o advérbio “esnobemente” para descrever a forma como os eleitores pobres que escolhem a direita são rotulados pelo autor. O jornal sugere que o sociólogo olha para a base da pirâmide social com um complexo de superioridade intelectual, desprezando quem não compartilha sua visão de mundo. Segundo o editorial, Souza não seria um sociólogo, mas um porta-voz da esquerda, e sua produção intelectual serviria para validar o discurso do PT e de Lula em lugar de explicar a sociedade de forma plural. Souza ignoraria, então, as novas dinâmicas do Brasil – como o desejo de prosperidade dos evangélicos ou a busca da classe média por ascensão – porque estaria preso a estereótipos. Afinal, essas pessoas só querem mudar de vida e ter acesso ao consumo e à estabilidade.

A segunda perspectiva em que o trabalho de Souza é citado no *Estadão* comparece em artigo de opinião de Carlos Pereira (2024), cientista político e professor titular da Escola de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Nele, o autor enfatiza a ideia de que a esquerda brasileira perdeu o contato com a realidade das aspirações das classes populares, que deixaram de ser apenas assistidas para se tornarem audaciosas. “Enquanto a esquerda oferece políticas públicas inclusivas, mas de qualidade duvidosa, a direita oferta o sonho de melhora das condições de vida por meio de esforço e iniciativas individuais” (Pereira, 2024, *online*). O eleitorado de baixa renda valoriza ascensão social, o consumo e a autonomia,

rejeitando a ideia de que esse eleitor seria alienado, conforme propõe Souza em seu trabalho. Em forma de alerta para a esquerda, Pereira propõe que ela passe por uma revolução profunda e pare de tratar o sucesso individual como um tabu, sob o risco de se tornar uma força política irrelevante. Para ser competitiva nas próximas eleições, a esquerda petista precisa aprender a falar a língua da prosperidade e não apenas a da assistência, conclui o articulista do *Estadão*.

Com o intuito de informar os leitores sobre a obra, uma das reportagens da *Folha de S. Paulo* se destaca na seção *Livros*. Nesta abordagem, o escritor e jornalista João Gabriel Lima trabalha com as metáforas de Souza para descrever a obra: “o branco pobre está com a água no pescoço”, mostrando uma situação crítica, onde ainda há fôlego, porém com margem de sobrevivência. Já o negro pobre estaria com “o rosto dentro da água”: uma situação emergencial de morte iminente por asfixia. “É aí que a igreja evangélica pega, puxa pelos cabelos e diz, ‘respira, irmão’, afirma o sociólogo” (Lima, 2024, *online*). A igreja é apontada como o lugar de salvação do indivíduo nesta situação de urgência. Com isso, o autor justifica a opção dessa parcela da população que adere tão fortemente ao discurso religioso. Não se trata de uma escolha intelectual, mas de um instinto de sobrevivência. No texto, se destaca ainda a crítica de Souza ao liberalismo e ao marxismo pelo excessivo foco de ambos na economia e no mundo material. Em contraponto a essas abordagens, Souza propõe que as escolhas dos indivíduos sejam pensadas a partir da vida moral e simbólica pela qual o indivíduo possa se sentir digno, amado e protegido. Isso explicaria por que políticas de transferência de renda como o Bolsa Família perderam terreno para o discurso moralizador das igrejas evangélicas. Assim, a proposta que parece irracional (pobres votando na direita) seria, na verdade, uma resposta lógica à ausência de amparo simbólico da esquerda.

Na segunda abordagem da *Folha*, o editor adjunto do caderno *Ilustríssima*, Marco Rodrigo Almeida, conduz uma entrevista com Jessé Souza. A conversa oferece uma anatomia provocadora sobre os porquês de a base da pirâmide social brasileira ter migrado seus votos majoritariamente do PT para a direita e, em especial, para Jair Bolsonaro. Tal qual no livro, na conversa conduzida por Almeida (2024), o sociólogo afirma a precedência do simbólico sobre o material, destacando que a esquerda comete um erro ao acreditar que o voto do pobre é decidido apenas por fatores econômicos.

Retomando o contexto das eleições municipais de 2024 e as projeções para o próximo pleito, Souza aponta falhas estratégicas no campo progressista, mostrando os limites do PT,

que, em lugar de questionar quem realmente rouba o país (a elite financeira e a Faria Lima⁵), opta por não enfrentar esse debate. Destaca ainda o que ele nomeia de “veneno de identitarismo”. Para o sociólogo, as denominadas “pautas identitárias” isoladas seriam insuficientes e afastariam os pobres do campo da esquerda. Elas beneficiariam, segundo o autor, menos de 1% desses grupos, enquanto a maioria continua sem acesso a políticas universalistas. Ao tratar das instituições legitimadoras dessa desigualdade, Souza aponta a criação da Universidade de São Paulo como um projeto político e ideológico de uma elite derrotada por Getúlio Vargas. A universidade é apresentada como uma opção estratégica para retomada do poder por meio de um conhecimento instrumentalizado pelas elites paulistas. O objetivo seria formar uma nova camada intelectual que pudesse formular uma interpretação do Brasil que atendesse aos interesses dessa classe. Assim, para Souza, ao colonizar o pensamento acadêmico e a opinião pública, essa elite manteria sua hegemonia, ditando o que é ser moderno e civilizado. A elite brasileira, especialmente a paulista, utilizaria o poder simbólico e as interpretações sociológicas para manter sua dominação sobre a classe média e as classes populares. Na entrevista, o autor de *O Pobre de Direita* acrescenta ainda que a esquerda deveria aprender com Getúlio Vargas, responsável por criar uma identidade nacional e popular brasileira com o samba e o futebol, por exemplo. Para Jessé Souza, o pobre não vota na direita por ignorância simples, mas por uma necessidade existencial de explicação e respeito que a esquerda deixou de fornecer ao se tornar tecnocrática e distante da vida moral dos pobres.

Tanto o negro quanto o branco pobre são humilhados, mas o branco é um pouco melhor. Bolsonaro é um lixo branco. Descendente de europeu, mas não tem o capital cultural e nem o dinheiro que as elites têm. Expressa a raiva típica dessas pessoas. Ele é igual a nós, diz o branco pobre de São Paulo. Ele se identifica com Bolsonaro da mesma forma que o nordestino se identifica com o Lula, conclui Souza (Almeida, 2024, *online*).

Souza discorda ainda que a direita se coloque mais como antissistema do que a esquerda. Para ele, a esquerda defende os acordos civilizatórios mínimos, argumentando que há uma distinção entre verdade e mentira que a direita pretende apagar. O fim desses acordos civilizatórios significa a sedimentação de um quadro geral de confusão que facilita o trabalho

⁵ A avenida Brigadeiro Faria Lima, em São Paulo, é o endereço das principais instituições financeiras, fundos de investimentos, bancos de atacado e corretoras do país. O nome é usado como metonímia para se referir ao mercado financeiro brasileiro. Na realidade, tornou-se uma entidade simbólica.

da direita, que busca canalizar a raiva popular para espoliar os pobres ainda mais. Nesse quadro, a esquerda é levada para o centro, porque ela precisa manter minimamente o que se conquistou nos últimos três mil anos de história ocidental.

Em uma terceira e breve menção a Jessé Souza e seu então recém-lançado livro, o jornalista Mário Sérgio Conti apresenta quatro perfis de atores: Mads Mikkelsen, Demi Moore, Catherine Deneuve e Joaquin Phoenix. A partir deles, tece comentários sobre a indústria, a estética e o uso político das artes. Quando aprecia o trabalho de Joaquin Phoenix, o jornalista critica o ator por transformar seu personagem em caricaturas, cheias de tiques, com foco especial no impacto negativo de sua interpretação de Coringa. A menção ao livro *O pobre de direita* ocorre no bloco final do texto dedicado a Phoenix. Nele, Conti (2024) afirma que, para Jessé Souza, o personagem Coringa não é apenas um vilão de HQ, mas um símbolo das massas humilhadas e ressentidas do século XXI. Por esta visão, o personagem representaria a revolta de quem foi escanteado pelo sistema. O jornalista usa o trabalho de Souza para destacar o que considera uma cegueira da análise sociológica diante da estética cinematográfica. Enquanto Souza vê no Coringa um símbolo político, o jornalista o percebe apenas como um psicopata repulsivo, com uma atuação desdenhosa sem propósito artístico. O livro de Jessé Souza é usado como um exemplo para sustentar o argumento de que tanto a política quanto a análise sociológica poderiam, na visão de Conti, tentar conferir nobreza ou profundidade a algo que ele considera esteticamente grotesco e vazio.

A análise política do Brasil a partir do resultado das eleições municipais de 2024 é tomada como uma confirmação da tese do Souza, indicando a inclinação do eleitorado à direita em entrevista concedida ao jornalista Eduardo Graça, do jornal *O Globo*. Nela, alguns aspectos já tratados são reiterados, porém, merece realce a crítica de Souza sobre o “identitarismo” como um erro da esquerda. Aponta a derrota de Guilherme Boulos à prefeitura de São Paulo como um preço pago por discutir gênero e raça, deixando os pobres à mercê das forças de direita (Graça 2024). Essas pautas ecoam na elite e na classe média intelectualizada, mas não dialogam com a urgência do pobre descartado pelo sistema. Retoma sua ideia de resgate da memória varguista, mostrando que o ex-presidente soube valorizar o trabalhador não apenas com dinheiro, mas também com dignidade e reconhecimento de suas virtudes. Para ele, esta é a única forma de disputar a narrativa moral com a extrema direita.

Na segunda abordagem de *O Globo*, em texto publicado no caderno cultural, a jornalista e colunista Ruth Aquino (2024) digere o fenômeno político simbolizado por Pablo Marçal,

candidato da extrema direita em São Paulo. A autora argumenta que, matematicamente, quem decide o destino do Brasil é o eleitor pobre, que representa 90% do eleitorado. Para ela, a questão central é que esse voto não pode ser entendido como mera manipulação ou burrice econômica, mas como uma escolha consciente, baseada em valores, assim como defende Souza em seu livro, e não apenas em números de emprego ou renda. Assim, a obra *O Pobre de Direita* avulta em sua análise como uma chave que abre perspectivas para entender essa contradição. A autora admite ter se sentido “tola” por acreditar que uma economia forte bastaria para guiar o voto, mas muda sua forma de pensar ao se deparar com o argumento de Souza. O livro forneceria a base teórica para explicar porque o pobre não busca apenas as políticas assistenciais, mas também, e sobretudo, a autoestima. Assim, o subtítulo do livro, “A vingança dos bastardos”, justifica o título do artigo e o fenômeno Marçal: o voto na extrema direita seria uma reação daqueles que se sentem humilhados pelo sistema e encontram nos “falsos profetas”, uma forma de reconhecimento social. O texto termina unindo a teoria de Souza à realidade prática das urnas: o pobre vota na direita não porque é “masoquista”, mas porque confia em quem valida seus valores morais e religiosos.

A partir desse conjunto de textos sobre o livro, observamos três movimentos que se destacam. No primeiro, as perspectivas do autor são acolhidas, sendo apresentadas como justificativa do deslocamento do eleitorado brasileiro para a extrema direita ao longo dos últimos anos. No segundo gesto, com destaque para a leitura do *Estadão*, o movimento é de ignorar e desqualificar as teses apresentadas pelo autor, apontando seu trabalho como parte das estratégias mobilizadas pelo governo e o partido do presidente. A obra tem uma interpretação distorcida e é apresentada como uma visão rasa e preconceituosa da realidade brasileira. Por fim, no terceiro movimento, ocorre a ênfase na explicação do esvaziamento econômico, em favor da valorização das questões morais, tendo como pano de fundo o resultado das eleições de 2024 e as novidades desse processo como comprovação das teses apresentadas pelo autor.

A seguir, trabalharemos com a repercussão crítica, no campo da esquerda, das teses formuladas por Jessé Souza.

4. A crítica à esquerda do trabalho de Souza

Entre debates ligados ao campo da esquerda, destacamos as principais objeções ao trabalho de Jessé Souza que circularam em portais de análise política, debates e veículos que

divergiram frontalmente da abordagem do sociólogo. O trabalho recebeu críticas de intelectuais e figuras públicas do campo da esquerda em diferentes aspectos.

No *Jornal GGN*, a primeira abordagem analisada é defensiva em relação ao trabalho do autor. Apresentadas como improcedentes, as críticas que circundam o debate são atribuídas à falta de leitura da obra. Em sintonia com os argumentos de Souza, Francisco Ladeira (2024) identifica os acertos do autor e reage às objeções à obra, deslegitimando os argumentos contrários. Embora reconheça a importância da crítica para o trabalho intelectual, entende que elas só seriam válidas se feitas por quem leu o livro e compreendeu seus argumentos. Assim, desqualifica as críticas recorrentemente dirigidas a Souza que atribuem ao autor manifestações de elitismo, ódio aos pobres e pseudointelectualismo, atribuindo-lhe o rótulo de “burguês de esquerda”. Ladeira não entra em diálogo direto com abordagens específicas e invalida as oposições como desinformadas ou ressentidas, classificando-as como indignas de um trabalho sério.

Com uma introdução que remonta às origens do termo “o pobre de direita” nos anos que se seguem ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e à eleição de Bolsonaro, em 2018, Renato Nucci Jr. e Leonardo Sacramento (2024) debatem o trabalho de Souza no site *A Terra é Redonda*, em texto que posteriormente foi publicado também no *Jornal GGN*. De tendência marxista, os autores fazem uma crítica à forma como setores da intelectualidade e da esquerda brasileira utilizam a expressão “pobre de direita”. Segundo a análise dos autores, tomando o trabalho do economista Thomas Piketty como referência, haveria uma mudança no perfil dos eleitores social-democratas que, majoritariamente, não pertencem mais à classe trabalhadora. Teria ocorrido um deslocamento deles em direção à direita.

Nucci Jr. e Sacramento (2024) fazem uma crítica contundente à esquerda institucional, que teria passado, ela mesma, a aplicar as regras do ajuste neoliberal com privatizações, cortes de gastos e flexibilização trabalhista. A diferença é que pelas mãos da esquerda, essas políticas foram aplicadas com uma face mais humana, mantendo-se um discurso de tolerância, direitos civis e pequenas políticas assistenciais sem mexer na estrutura do sistema. A classe trabalhadora precarizada perceberia, então, que a social-democracia não resolve mais seus problemas materiais, como salário, emprego e custo de vida. É nesse vácuo que os pobres marginalizados migram seus votos para a extrema direita e aderem a discursos conservadores.

O pensamento social-democrata, na avaliação dos autores, se tornou uma expressão de “neoliberalismo progressista”. Assim, esse pensamento aceita que o mercado mande em tudo

e apenas tentaria suavizar o impacto social da supremacia do setor financeiro, enquanto a classe trabalhadora, sentindo-se traída, se desloca para a direita em busca de respostas que não encontra na esquerda tradicional. Por sua vez, a social democracia alemã, idealizada por Jessé Souza, não pode ser tomada como uma alternativa. Na visão dos autores, a perspectiva de Souza ignora os impactos do imperialismo e desconsidera que a prosperidade da Alemanha está ligada à exploração dos países periféricos, como o Brasil e outros mundo afora.

Os autores questionam, ainda, a centralidade da questão moral, em detrimento das determinações econômicas que moldam a realidade, no trabalho de Jessé Souza. Além desse aspecto, enumeram outras questões ausentes no trabalho do sociólogo, incluindo a crise do capitalismo, a financeirização, a desindustrialização e a precarização do trabalho, bem como o fato de Souza ignorar o papel do PT na implementação de políticas neoliberais.

Se antes o problema moral era a elite, agora o problema moral é o “pobre de direita”, o trabalhador que não enxerga o quão a esquerda socialdemocrata financista é boa para ele. E por que não enxerga? Porque o trabalhador é moralista. Para Jessé, temos uma classe trabalhadora aquém moralmente e intelectualmente da esquerda ilustrada que reside nos centros das capitais brasileiras (Nucci Jr.; Sacramento, 2024, *online*).

Os autores compreendem que Jessé Souza realiza uma inversão em seu trabalho. Desse modo, o problema seria o pobre desinformado que não sabe votar, o que absolve a esquerda institucional de suas responsabilidades com as demandas e expectativas populares. O problema estaria na ignorância do trabalhador e não nos limites das escolhas econômicas da esquerda no exercício do poder. Esse argumento legitima um mecanismo de defesa da esquerda que, segundo os autores, perdeu o contato com suas bases, se convencendo que o povo é moralmente incapaz de entender suas ações em favor dele.

Em termos metodológicos, o trabalho de Jessé Souza é ainda criticado pela falta de rigor analítico, pois suas hipóteses seriam baseadas em dados insuficientes e apreciações superficiais, como o uso de poucas entrevistas, para tecer generalizações sobre o comportamento político de diferentes grupos sociais do país.

Mediante essas ponderações, o conceito de “pobre de direita” é considerado por Nucci Jr. e Sacramento um *não conceito*, pois serviria mais como uma condenação moral do trabalhador do que uma teoria científica para entender a realidade social que se pretende tensionar. O termo seria utilizado para justificar uma guinada à direita da esquerda brasileira e para ocultar a responsabilidade da social-democracia nos problemas enfrentados pelas classes populares.

Em outro foco de circulação crítica do debate sobre o livro, encontra-se um texto do historiador e ativista político Hertz Dias (2024). Em sua crítica, analisa os fundamentos do trabalho de Jessé Souza e enumera lacunas e desvios na obra *O Pobre de Direita*. O estranhamento presente no título do livro é contestado por Dias, que afirma não haver novidade alguma na suposta contradição entre ser pobre e ser de direita. O autor alega que o próprio Marx, em sua análise sobre a questão irlandesa, já havia apontado que o trabalhador adota a visão de mundo do patrão porque isso lhe confere uma sensação de pertencimento a uma comunidade percebida como “superior”. Assim, Dias defende que, na visão de Souza, impera um determinismo psicológico, já que todo apoio dos trabalhadores à direita se resume ao racismo e ao ressentimento, como se não houvesse nenhuma falha material que justificasse a aproximação entre os campos diferentes: o pobre e as forças de extrema direita.

Entre as obviedades e os equívocos de Souza, Dias destaca que, para entender o crescimento da extrema direita, é necessário se perguntar: por que os pobres, que antes votaram em Lula, migraram para a direita? Afinal, os eleitores brancos pobres de direita das regiões Sul e Sudeste anteriormente eram eleitores do PT, enquanto os eleitores do Nordeste votavam majoritariamente no PSDB.

Em São Paulo, a maioria dos negros votavam no reacionário Paulo Maluf. No Nordeste, região que Jessé apresenta como progressista, a maioria dos negros apoiavam oligarquias ultrarreacionárias como a família Sarney, no Maranhão, Mão Santa, no Piauí, Antônio Carlos Magalhães, na Bahia, Jereissati no Ceará, etc, etc, etc.

O que se apresenta como novidade histórica, é uma obviedade política. A novidade é o crescimento da extrema direita (Dias, 2014, *online*).

Assim, o que se percebe como uma anomalia nos dias de hoje seria, na verdade, regra no jogo político do Brasil durante boa parte do século XX e início do século XXI. O texto de Dias elenca exemplos pragmáticos que estiveram presentes na decisão de voto dos setores populares mesmo em tempos recentes durante a Nova República – seja pelo discurso da ordem, que a direita sempre explorou, ou pela lógica meritocrática defendida pelo malufismo, que afirmava a primazia do esforço individual para a prosperidade. A visão romântica de Jessé Souza sobre o Nordeste é, então, desmontada por Dias, que aponta o controle das oligarquias que comandou a política regional, buscando votos em troca de favores com o suporte das famosas TVs afiliadas das famílias políticas de coronéis. Questiona-se, assim, a tese de Souza por romantizar a classe trabalhadora, tratando-a como um bloco que só vota na direita por ser manipulada pela elite, ignorando as escolhas pragmáticas e os valores morais históricos dessa mesma classe.

Outro ponto de tensão com a leitura de Souza é a relação entre a decadência do capitalismo, o crescimento da extrema direita e as políticas implementadas pelos governos liberais de esquerda, pontos que o livro *O Pobre de Direita* não debate em suas análises. No esteio dessa crítica, Jessé Souza é contestado por responsabilizar os brancos pobres e absolver os governos petistas, ignorando eventos cruciais na luta de classes nesse último período. Isso leva Dias a considerar a análise de Souza reducionista porque ela culpabiliza os trabalhadores de modo preconceituoso e moralista.

Ao final de seu texto, o autor defende que a análise do fenômeno deve ser sempre dialética, combinando questões socioeconômicas e morais sem reduzir a consciência política a um debate em torno de categorias raciais. Aponta o dinamismo da realidade, por si contraditória, e mostra que a abordagem de Souza seria falha na captura dessa complexidade, resultando em uma visão distorcida da luta de classes no Brasil.

Crítico do tema em outras oportunidades, o historiador, ativista e comunicador marxista Jones Manoel (2025) reproduziu, em seu canal no Youtube, uma entrevista da professora e pesquisadora Patrícia Valim da UFBA, endossando suas críticas ao livro de Jessé Souza⁶. Nesta abordagem, destaca-se inicialmente a moralização do debate político. No entendimento de Valim, Jessé Souza reduziria um fenômeno social e político a uma questão de moralidade. Ela argumenta que, ao rotular o trabalhador como “pobre de direita”, o autor e o governo terceirizam a responsabilidade por suas derrotas eleitorais, tratando o voto não como uma escolha pragmática ou fruto de condições materiais, mas como uma falha moral. Entende que o gesto de Souza permite ao governo tomar para si a explicação moral sobre o pobre de direita, transformando o *meme* em categoria científica. Para Valim, a classe trabalhadora não é vocacionalmente de esquerda e o governo é social-democrata financista, e a classe trabalhadora não se identifica automaticamente com ele. Ressalta ainda, de maneira enfática, o subtítulo do livro, “a vingança dos bastardos”, mostrando que o termo “bastardo” carrega uma etimologia que o vincula à degeneração, designando alguém que é pária da sua própria espécie. O termo “bastardia” foi derrubado na Constituição de 1988 pelas feministas, com o apoio da bancada do batom, pois, no Código Civil, ele era usado para designar filhos de mães solteiras. Jessé Souza partiria, assim, de um tipo ideal de família para apontar essa degeneração.

⁶ O vídeo tinha 41.600 visualizações até o dia 08 fev. 2026.

Em sua crítica sobre o livro de Jessé Souza, Patrícia Valim questiona ainda a amostragem insuficiente da obra, que universaliza explicações para um país inteiro a partir de 12 entrevistas qualitativas realizadas em duas regiões específicas sem relacioná-las com outras pesquisas de caráter quantitativo, com um cruzamento, mínimo que seja, desses dados. Além disso, destaca a psicologização da política a partir de noções como “ressentimento” para explicar a adesão dos pobres à extrema direita, deixando de lado suas razões econômicas. Entende o trabalho de Souza como um salvo conduto para o governo, que pode culpar o povo por ser “bastardo” ou “ressentido”, evitando enfrentar suas próprias falhas, como a falta de reformas reais em favor do trabalhador e a manutenção de políticas econômicas neoliberais.

Outra crítica à esquerda sobre o livro *O Pobre de Direita* que alcançou grande repercussão foi a entrevista de Paulo Galo (2024), líder do movimento dos entregadores de aplicativo, publicada no canal do *Uol* no YouTube⁷. Galo argumenta que o pobre de direita não seria o grande problema da esquerda, mas sim, a falta de trabalho de base e a alienação causada pelas condições materiais dele. No entendimento do militante, a esquerda, ao focar apenas na disputa eleitoral institucional, esvaziaria a organização dos trabalhadores. Citando, como exemplo, a situação do local onde vive na periferia de São Paulo, afirma que quem faz o trabalho de base é o crime organizado: “provendo cestas básicas, telhas e cursos, criando bases eleitorais por interesses próprios” (Galo, 2024, 01min14seg). Galo destaca ainda que a candidatura de Guilherme Boulos à Prefeitura de São Paulo em 2024 não conseguiu expandir seu eleitorado porque não teria realizado trabalho político de base nas regiões periféricas da cidade nos anos que antecederam o pleito, ao contrário dos seus adversários, que estavam ali com ações concretas.

A maior crítica de Galo se dirige à própria classe média de esquerda. Para ele, ela seria arrogante e viveria em uma bolha, não conseguindo dialogar com quem está em outro lugar. O ativista entende que a consciência política advém também de condições materiais, como acesso à cultura, livros e universidade, negadas às periferias. Para quem vive em bairros periféricos, a luta contra o capital, muitas vezes, seria traduzida em um desejo de ficar rico como forma de vencer a miséria. Isso aproximaria essas pessoas de um discurso oportunista e até mentiroso de figuras como Pablo Marçal, que ganham a confiança delas oferecendo fórmulas simples para

⁷ O vídeo registrava 343.917 visualizações até o dia 08 fev. 2026.

conquistar a riqueza. Galo ainda enfatiza que os políticos progressistas só se sustentam se houver uma base sólida com a qual eles possam contar. Reforça ainda crítica sobre a desimportância das determinações econômicas, defendidas por Souza, e suas consequências na vida e nas escolhas das pessoas da periferia.

As críticas produzidas no campo da esquerda sobre as teses defendidas pelo sociólogo Jessé Souza se destacam em cinco aspectos. No primeiro, avulta-se a psicologização e moralização do debate público, esvaziando-se as questões econômicas que definem o acesso aos bens materiais e culturais na vida social. A explicação que minimiza a questão econômica tem como consequência o segundo aspecto, que é o da desresponsabilização da esquerda institucional sobre suas derrotas eleitorais, visto que, segundo a perspectiva de Souza, o problema da esquerda seria o pobre, sem consciência política verdadeira, que não sabe votar. Um terceiro aspecto diz respeito à idealização da social-democracia alemã, ignorando que o bem-estar social produzido na Europa é fruto da exploração sistemática da periferia global pelo imperialismo, e não uma escolha esclarecida. O quarto aspecto que se destaca no rol de apreciações críticas, é a ausência de novidade do voto popular ser dado a extrema direita. Como contradição dessa afirmação, alguns exemplos sobre o comportamento eleitoral na Nova República tentam desmontar a linha de raciocínio de Jessé Souza, entendida como idealista em relação ao Nordeste brasileiro. O quinto e último aspecto se refere as inconsistências metodológicas da pesquisa realizada pelo sociólogo. Ao utilizar uma amostragem restrita de entrevistas para tecer generalizações sobre o comportamento político de vastos grupos sociais, Jessé Souza é contestado por não trabalhar com evidências estatística e sociológica, substituindo-as por apreciações incongruentes.

5. Considerações finais

O livro de Jessé Souza *O Pobre de Direita: a vingança dos bastardos*, lançado em 2024, foi, sem dúvida alguma, um acontecimento importante não só no mercado editorial, mas, também, no debate político brasileiro, apresentando um esforço compreensivo sobre o comportamento das classes populares e suas escolhas. Essa repercussão esteve presente em diferentes meios de comunicação, fato raro para um trabalho dessa natureza. O intuito de Jessé Souza foi oferecer uma análise sobre a identificação dos pobres com a extrema direita, desafiando perspectivas marxistas e a importância por elas dada à desigualdade econômica. Em

substituição a essa linha de raciocínio, o autor destacou a busca de reconhecimento como elemento central para entender o apoio das classes populares à direita.

Na circulação do debate sobre o livro, identificamos três eixos de interpretação valorativas sobre o livro. No primeiro, se destaca a assimilação da tese do autor em três veículos: a revista *Carta Capital*, o jornal *O Globo* e, em parte, a *Folha de S. Paulo*. Na reportagem da *Carta Capital*, elucida-se o esforço compreensivo do autor, com destaque para a crítica aos veículos de comunicação rivais e seu papel na formação do fenômeno que justificaria o apoio dos pobres à direita. Em *O Globo* e na *Folha*, ressalta-se a inclinação da maioria do eleitorado brasileiro à direita, com ênfase nas formulações de caráter moral em detrimento de aspectos econômicos. Na perspectiva liberal desses veículos, a obra é celebrada, talvez porque minimize o peso dos interesses econômicos que movem a luta de classes, propondo, em seu lugar, uma chave explicativa baseada na noção de “ressentimento”. Em outras palavras, ao sublinhar os valores morais, o livro (e os textos que endossam sua tese) encobrem as disputas motivadas pela desigualdade na ordem capitalista.

Por outro lado, o jornal *O Estado de S. Paulo* e uma das menções ao livro identificadas na *Folha*, apresentam a desqualificação da obra em uma disputa frontal com o governo e o PT no segundo eixo de interpretação valorativo. O trabalho de Jessé Souza é, nessa perspectiva, visto como apenas uma narrativa entre tantas a favor da esquerda. A deslegitimação de sua obra advém também de setores liberais da direita ou de acadêmicos que defendem a ideia de neutralidade na Sociologia. Nessa ótica, faltaria ao autor a objetividade necessária para o desenvolvimento de um trabalho científico. Nesse sentido, Souza seria apenas um porta-voz interessado em comprovar o acerto e as teses do lulopetismo, preso a estereótipos que não reconhecem as novas dinâmicas do empreendedorismo e a busca da prosperidade por parte das classes populares. Em outras palavras, o autor de *O Pobre de Direita* estigmatizaria aqueles que demonstram preferências políticas diferentes das suas, ignorando que essas pessoas têm agência própria e desejos individuais, os quais a esquerda não conseguiria compreender.

Finalmente, identificado ao longo do presente artigo, as críticas mais contundentes ao trabalho de Jessé Souza se originam do campo político que ele pretende representar, sendo formuladas em publicações de veículos da imprensa alternativa e em uma entrevista do militante Paulo Galo no canal do *Uol*, marca do grupo *Folha*, no YouTube. Neste terceiro eixo, destacam-se, como vimos, cinco principais chaves argumentativas: a denúncia da psicologização e moralização do debate político no livro de Jessé Souza, com o consequente

esvaziamento das questões econômicas nessa disputa; a desresponsabilização da esquerda institucional e a culpabilização das classes populares na obra; a idealização da social democracia alemã pelo autor; a ausência de novidade no fato de o voto popular ser dado a extrema direita; e as inconsistências metodológicas da pesquisa de Souza, com amostragens restritas, sem cruzamento de dados quantitativos e generalizações inadequadas.

Isto posto, ressaltamos a relevância do tema e os esforços explicativos empreendidos pelo autor de *O Pobre de Direita*, mesmo reconhecendo que seu trabalho apresenta flagrantes insuficiências. Os eixos valorativos identificados na circulação crítica do livro, conforme destacados neste artigo, apontam lacunas nos modelos explicativos e nos métodos utilizados para lidar com a complexidade dessa realidade. É previsível que, em um cenário brutal de disputa de ideias na vida social, trabalhos dessa natureza gerem tensões e reflexionamentos, levando a confrontos e polêmicas nos diferentes campos afetados. Esse conflito, no entanto, pode ser visto como positivo, pois serve também como um estímulo à circulação do debate crítico. Se entendemos aquilo que comumente se percebe como “opinião pública” como o resultado de um fluxo constante de interações, a crítica que circula em torno desse debate é cada vez mais necessária para tensionar os modos de compreensão e superação dos desafios do Brasil contemporâneo.

Referências

A LISTA. Livros mais vendidos. **PublishNews**, 2024. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/11/13/novo-livro-da-serie-as-aventuras-de-mike-estreia-no-topo-da-lista-nielsen-publishnews>. Acesso em: 19 dez. 2025.

ALMEIDA, Marco Rodrigo. Direita e religião souberam manipular raiva dos pobres, diz Jessé Souza. **Folha de S. Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2024/10/direita-e-religiao-souberam-manipular-raiva-dos-pobres-diz-jesse-souza.shtml>. Acesso em 07 jan. 2026.

AQUINO, Ruth. O pobre de direita. **O Globo**, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/ruth-de-aquino/coluna/2024/10/o-pobre-de-direita.ghtml>. Acesso em: 07 jan. 2026.

BARROCAL, André. Pobre de direita sente-se humilhado e move-se pela moral. Poder em Pauta com JESSÉ SOUZA. **Carta Capital**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s-0U87rkWeA>. Acesso em: 06 jan. 2026.

CONTI, Mário Sergio. Alma e corpo, esgar e garra em quatro atores. **Folha de S. Paulo**, 2024. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2024/10/alma-e-corpo-esgar-e-garra-em-quatro-atores.shtml>. Acesso em: 07 jan. 2026.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo, Boitempo, 2016.

DIAS, Hertz. Polêmica com Jessé Souza: Quem mais alimenta a ultradireita, o branco pobre ou a esquerda capitalista? **Opinião Socialista**, 2024. Disponível em:

<https://www.opiniaosocialista.com.br/polemica-com-jesse-de-souza-quem-mais-alimenta-a-ultradireita-o-branco-pobre-ou-a-esquerda-capitalista/>. Acesso em: 06 jan. 2026.

GALO, Paulo. Galo de Luta: Esquerda playboy é o problema, não pobre de direita. **Uol**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D6KzKD32R8g>. Acesso em: 06 jan. 2026.

GRAÇA, Eduardo. Entrevista: Boulos paga o preço da 'esquerda legal' que discute gênero e raça e deixou pobres na direita, diz Jessé Souza. **O Globo**, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/10/13/entrevista-boulos-paga-o-preco-da-esquerda-legal-que-discute-genero-e-raca-e-deixou-pobres-na-direita-diz-jesse-souza.ghtml>. Acesso em: 06 jan. 2026.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

MARCOS, Plínio. **Navalha na carne**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2023.

LADEIRA, Francisco. Em livro mais comentado do que lido pelos críticos, Jessé Souza aborda o pobre de direita, por Francisco Fernandes Ladeira. **Jornal GGN**. 2024. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/cultura/jesse-souza-aborda-o-pobre-de-direita-por-francisco-ladeira/>. Acesso em: 06 jan. 2026.

LIMA, João Gabriel. Pobres viraram à direita porque religião os acolhe na humilhação, diz Jessé Souza. **Folha de S. Paulo**, 2024. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/11/pobres-viraram-a-direita-porque-religiao-os-acolhe-na-humilhacao-diz-jesse-souza.shtml>. Acesso em: 07 jan. 2026.

MANOEL, Jones. Jessé Souza e a sociologia moralista. **Jones Manoel** (Canal no YouTube), 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A9zF_FUEExI. Acesso em: 06 jan. 2026.

NUCCI JR, Renato; SACRAMENTO, Leonardo. O pobre de direita e a miséria da sociologia. **A terra é redonda**, 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 07 jan. 2026.

OPINIÃO, Editorial. Lula ignora a classe média. **Estado de S. Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opinioao/lula-ignora-a-classe-media/>. Acesso em: 06 jan. 2026.

PEREIRA, Carlos. O voto do pobre na direita não é fruto de alienação. **Estado de S. Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/carlos-pereira/o-voto-do-pobre-na-direita-nao-e-fruto-de-alienacao/>. Acesso em: 05 jan. 2026.

SENA, Ercio; SERELLE, Marcio; SOARES, Rosana. (Org.). **Narrativas de urgência**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2024.

SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. 3. ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita**: a vingança dos bastardos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.